




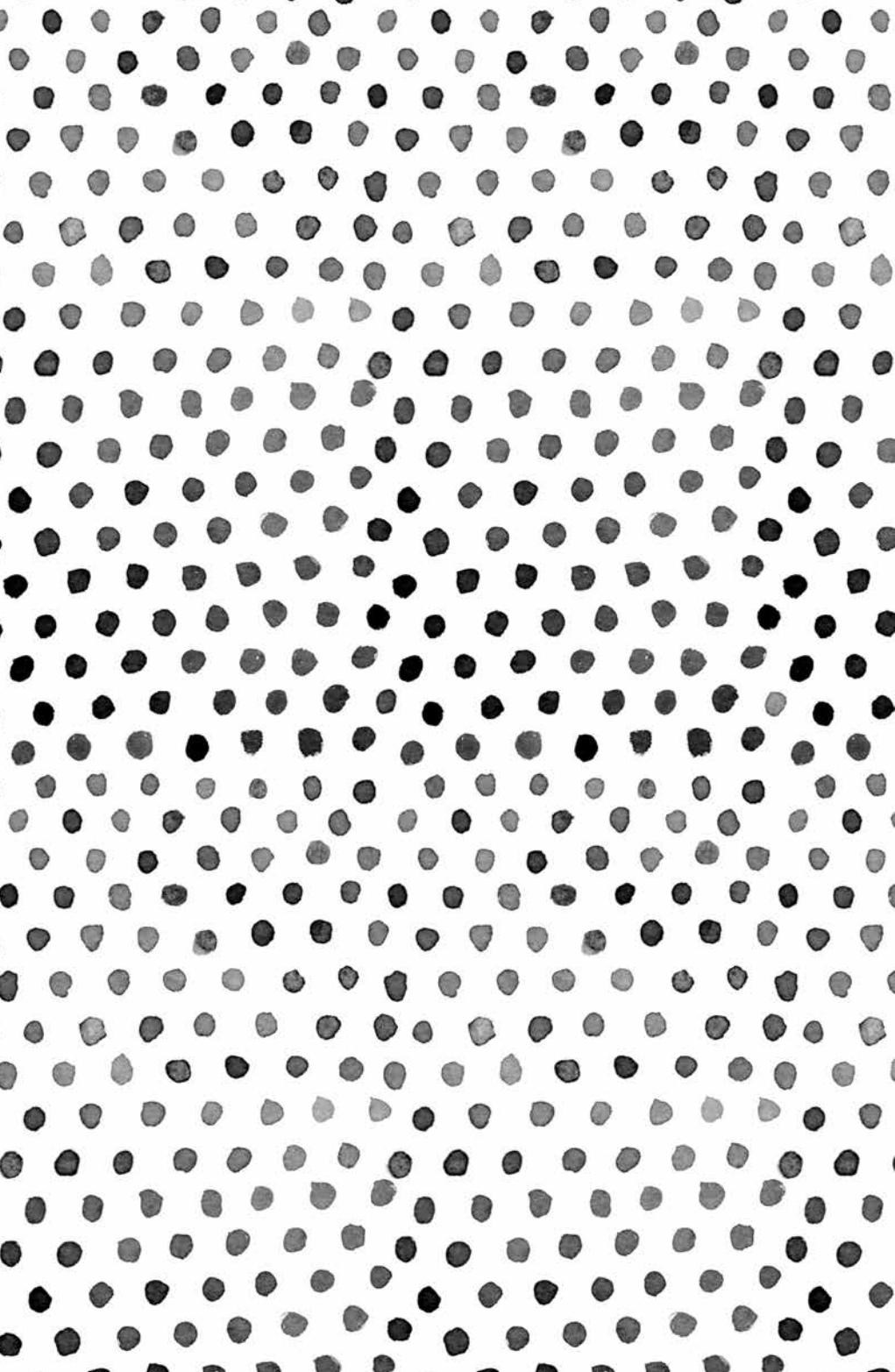
MEU JEITO
CERTO DE
FAZER TUDO
ERRADO

MÁS DE 100 MIL
LIVROS VENDIDOS

*Klara Castanho
Luiza Trigo*

An illustration showing the lower legs and feet of two people. The person on the left is wearing light-colored pants and a dark sneaker with white laces and a white sole. The person on the right is wearing light-colored pants and a dark sneaker with white laces and a white sole. The background is a plain, light gray color.

MEU JEITO
CERTO DE
FAZER TUDO
ERRADO





MEU JEITO
CERTO DE
FAZER TUDO
ERRADO

Klara Castanho
Luiza Trigo

Copyright © 2017 por Luiza Trigo e Klara Castanho

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

EDIÇÃO

Alessandra J. Selman Ruiz

PREPARO DE ORIGINAIS

Elisa Menezes

REVISÃO

Luis Américo Costa e Raphani Margiotta

ILUSTRAÇÕES, DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Fernanda Mello

Angelo Allevato Bottino

FOTOS DAS AUTORAS

Farya

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Bartira Gráfica e Editora S/A

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T747m Trigo, Luiza

Meu jeito certo de fazer tudo errado/ Luiza Trigo,
Klara Castanho. São Paulo: Arqueiro, 2020.
384 p.: il.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-8041-905-4

1. Ficção brasileira. I. Castanho, Klara. II. Título.

19-62019

CDD: 869.3

CDU: 82-3(81)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

EDITORA ARQUEIRO LTDA.

Rua Funchal, 538 · conjuntos 52 e 54 · Vila Olímpia

04551-060 · São Paulo · SP

TEL.: (11) 3868-4492 · FAX: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br



À Karla Castanho,
que nos apresentou e
incentivou este encontro,
apoando todos os
nossos projetos malucos.



melhor playlist
da vida



adesivos de estrelas



– **Ah, Nanna,** pode ir melhorando essa cara! – Minha mãe falou em tom de reprovação assim que olhou para mim ao entrar no carro e ver meu mau humor.

– Que cara? Não tem cara nenhuma... – respondi, sem muita paciência, fingindo que não estava chateada, mas fazendo questão de mostrar que estava mesmo.

– Minha filha, mas o que aconteceu? Você tinha ficado tão animada no dia em que a gente contou da mudança... – disse meu pai, com ar de decepção.

– Eu não fiquei animada. Na verdade, achei que você estava zoando, então brinquei também – expliquei, já que pareceu que ninguém me entendia.

– Giovanna, deixa de palhaçada! Isso aconteceu faz seis meses e de lá pra cá a gente não fez outra coisa que não fosse preparar nossa ida pra São Paulo. Eu queria entender por que essa rebeldia não apareceu antes... – provocou mamãe.

Bufeí com a palavra “rebeldia”. Detesto quando os adultos usam esse clichê para falar dos adolescentes. Até parece que a gente é sempre assim.

– Eu também não estou entendendo. Você sempre gostou de ir pra lá, sempre achou divertido ter tantas coisas pra fazer, passeios, lugares para conhecer. E, pelo que sei, sonhava em morar na capital, em uma cidade grande, cheia de gente diferente... – disse papai, parecendo bem desapontado.

– *Sonhava, pai!* Pretérito IMperfeito. Igual à minha vida agora.

– Giovanna, não seja grossa com seu pai!

– Não estou sendo grossa. Só estou dizendo que não tenho mais vontade de morar nessa cidade maldita – falei com mais firmeza, tentando mostrar o que sentia, mas no fundo me arrependendo um pouco da minha birra. Se tem uma pessoa no mundo que eu não gosto de chatear é meu pai. Fico muito mal quando o vejo triste.

– Nanna, pensa: em São Paulo não é difícil se enturmar. Lá mora gente de todo lugar, as pessoas têm a cabeça mais aberta. Você pode encontrar pessoas que têm o mesmo estilo que você, escutam as músicas que você curte, gostam das mesmas coisas... Além disso, você sempre disse que as tendências de moda se definem lá. Você vai adorar, tenho certeza! – Mamãe tentou mudar de estratégia, sendo mais suave para me convencer, mas eu não cederia. Revirei os olhos e ela pareceu desistir, bufando de raiva e se virando para a frente no banco do carro.

Lançou um olhar de inconformismo para o papai, que não falou nada. Só olhou de volta e deu a partida no carro para iniciar nossa viagem rumo a um “novo futuro”.

No fundo, mamãe tinha toda a razão e sabia que aquele era o motivo pelo qual eu sempre sonhei em morar em São Paulo: era um lugar onde eu poderia deixar de ser considerada estranha e encontrar pessoas diferentes, com a cabeça parecida com a minha, e que curtissem as mesmas coisas que eu. Alguém com quem eu me identificasse, uma turma, uma tribo pra chamar de minha.

Ao longo de todos os meus 15 anos de vida em Campinas, cidade onde nasci e cresci, sempre estive rodeada dos meus primos mais velhos, que eram meus melhores (e únicos) amigos. Só que, por causa da diferença de idade, eu acabava ficando de fora de muitas das coisas que eles faziam juntos. E terminava sozinha diversas vezes.

Na escola, nunca me dei bem com ninguém, na verdade. Não que eu fosse encrenqueira. É o oposto, eu detesto briga. Sou muito na minha, não sou de puxar assunto e não gosto de falar de qualquer coisa só por falar, se a conversa não me interessa ou não tenho

nada a acrescentar. Inclusive, detesto aqueles papos sem sentido, que a gente tem só por educação ou só para agradar aos outros ou parecer legal. Ou aquelas coisas fúteis. Então, nunca consegui me enturmar na escola, porque nunca achei alguém que combinasse com meu jeito. Eu adoro desenhar, inventar roupas e costurar, e nem todo mundo entende isso. Quando cheguei à adolescência e assumi um estilo mais próprio, inclusive nas roupas, isso piorou bastante, já que as meninas me achavam esquisita, até arrogante, e me olhavam torto. Só porque eu não era igual a elas.

Achei que no ensino médio tudo seria diferente e estava animada com isso. Eu imaginava que poderia ter gente mais parecida comigo e até já vinha conversando com meus pais sobre trocar de escola, antes de eles inventarem essa mudança para São Paulo. Eu queria ir para o colégio em que meus primos estudaram, já que eles sempre falavam tão bem de lá. Quem sabe assim poderia ter boas lembranças no futuro, que não fossem só de recreios escutando música ou lendo livros.

Só que, quando eu falava para eles em mudar, era só de escola, não de cidade. Não queria mudar *tudo de uma vez*. Pelo menos não agora. Sempre sonhei em morar em São Paulo, sim, mas no futuro. Quando estivesse na faculdade, cursando Moda, ou depois, quando fosse trabalhar com isso. Sempre achei uma cidade incrível, o lugar ideal para morar e trabalhar com essa minha paixão, que é design de roupas e costura, mas só quando estivesse mais preparada.

Mudar é bom, mas assusta. Apesar de saber quanto a minha vida poderia ficar melhor, sou muito apegada à minha rotina, ao meu quarto, aos meus desenhos, à minha casa, à cidade, aos meus primos. Eu me sinto confortável perto do que é conhecido, porque tenho a sensação de que estou segura. De que alguma coisa, pelo menos, está bem na minha vida.

Isso pode parecer esquisito, mas sou contraditória em algumas coisas mesmo, eu sei. E acho que todo mundo deve ser um pouco.

Só que meus pais usaram essa minha vontade “de mudar” e esse meu sonho de morar em São Paulo como um dos incentivos para sairmos de Campinas, e meu desejo parece que se virou contra mim.

Eu estava me sentindo um pouco culpada por me comportar como a filha que nunca fui, até porque meus pais iriam realizar o sonho *deles*, e isso era simplesmente incrível. Havia uns dez anos, eles criaram uma agência de publicidade que passou também a agenciar modelos para as campanhas. Ela cresceu e se tornou uma das maiores da nossa cidade, que ficou pequena para a empresa. Então meus pais decidiram expandir o negócio, só que, para isso, o melhor era ir para São Paulo. Eles estavam empolgadíssimos com os planos e a possibilidade de se desenvolver ainda mais. Já eu fiquei preocupada, com medo do que estava por vir e do que estava deixando para trás.

Como seria viver em uma cidade tão grande, tão assustadora, onde eu não conhecia ninguém? Eu não me sentia pronta. Se nessa minha nova vida eu continuasse sozinha na nova escola, na nova vizinhança, não teria sequer meus primos e minha velha rotina em que me apoiar. Não sobraria mais nada. Isso me apavorava. E me sentia menor ainda, já que o mundo ao redor iria crescer. Ao mesmo tempo, não achava justo fazer nada que impedisse aquilo de acontecer, porque estaria estragando o sonho dos meus pais.

Só que estava difícil de lidar com tudo aquilo, com o sentimento de perda, com a insegurança de não saber o que me esperava e com a falta de tudo que eu conhecia.

Encostei a cabeça na janela do carro e olhei para fora, tentando tirar todos aqueles pensamentos pessimistas que invadiam a minha mente. Sempre tive a impressão de que, quando estou em movimento, principalmente no carro, penso melhor. Consigo raciocinar e organizar milhares de questões que estão dentro de mim, mas dessa vez isso não foi possível. Eram muitas emoções para uma pessoa só. Então, coloquei o fone de ouvido com uma das melhores playlists da vida.

1. Piece of My Heart - Janis Joplin
2. Paradise City - Guns N' Roses
3. Heaven's on Fire - Kiss
4. Somebody to Love - Grace Slick
5. Poison - Alice Cooper
6. Paranoid - Black Sabbath
7. Edge of Seventeen - Stevie Nicks
8. Rock You Like a Hurricane - Scorpions
9. Slither - Velvet Revolver
10. Highway to Hell - AC/DC
11. Smoke On the Water - Deep Purple
12. Under Pressure - Queen e David Bowie
13. Immigrant Song - Led Zeppelin
14. Because the Night - Patti Smith
15. Should I Stay or Should I Go - The Clash

Só quando despertei percebi que tinha dormido durante quase a viagem toda. O que não era tanto, já que Campinas fica a apenas uma hora de São Paulo, de carro. Mas a música me fez cochilar e o sono me acalmou. Quando vi, já estávamos na rua da casa nova, quer dizer, do apartamento novo.

Desde que me entendo por gente, sempre morei em casa com quintal, mas agora estávamos nos mudando para um apartamento. Eu já tinha estado lá anteriormente com meus pais, para conhecer o lugar, quando fui para a São Paulo Fashion Week. Eu adoro, embora quase nunca consiga ir. Meus pais não costumam me levar, pois sempre acontece durante o período em que estou em aulas, mas daquela vez eles propuseram e eu inocentemente fiquei feliz com o quão legais eles foram. Mal sabia eu que eles estavam usando o “incentivo” da SPFW para que eu fosse conhecer o apartamento e também para que eu fizesse a prova de ingresso na nova escola. Eu me senti traída.

Fiquei revoltadíssima com aquilo e quase sabotei o plano maligno deles, fazendo a pior prova da história deste planeta, mas não consegui ser tão diabólica assim. Minha revolta normalmente fica só nos pensamentos, eu nunca concretizo os *meus* planos do mal.

Naquela primeira e única vez em que fui ao apartamento, tive uma sensação desagradável. Ele era branco demais, frio demais e sem vida. Sair de uma casa e ter que enfiar tudo o que tínhamos dentro de um “apartamento” parecia uma missão difícil e achei que não conseguiríamos. Quando eles me levaram para o lugar, não deram sequer uma explicação, então achei que estávamos indo para alguma reunião de trabalho deles ou visitando um amigo da família. Só me toquei quando papai colocou a chave na fechadura. Olhei para mamãe reprovando a atitude deles e ela apenas me deu um sorrisinho vitorioso.

Naquele dia eu não estava tão mal-humorada, pois o desfile tinha sido incrível. Eu estava maravilhada com tudo e tive mais certeza do que nunca de que queria estudar Moda. Eles me pegaram desprevenida, então minha reação não foi tão ruim. Ao ver que eu não ia reclamar, mamãe desatou a me mostrar o apartamento e, observando a animação do papai, não consegui estragar a onda dos dois. O plano deles realmente parecia ter funcionado. Eu me lembro bem daquele dia...

– Parece pequeno, Nanna, eu sei, mas calma... Essa parede vai ser quebrada e aberta – mamãe falou, apontando para a parede imediatamente à direita de quem entra. – Vamos fazer um janelão com uma bancada, transformando a cozinha em americana. Acho que assim vamos ter mais luz e a sensação de que o ambiente é maior. Vamos poder receber nossos amigos e, enquanto seu pai cozinha, ele fica livre para conversar com quem está na sala – disse ela, desatando a explicar como ficaria cada canto e a arrumação dos móveis.

Forcei um sorriso, mas não estava conseguindo me concentrar em nada do que ela estava explicando. Mamãe continuou seu tour e eu, impaciente, a segui pelo corredor. Ela entrou na primeira porta à direita e me mostrou um microbanheiro, todo branco e sem graça.

– Este é o seu banheiro – disse ela.

Virei de costas, desanimada demais para olhar aquele cômodo. Mamãe, sacando minha reação, já apontou para a segunda porta do corredor, à esquerda.

– E este vai ser seu quarto! – Ela entrou dançante em um cômodo vazio.

Não consegui reagir. Se eu falasse do tamanho, estaria sendo chata. Então, dei de ombros e saí, como se não fosse comigo. Papai abriu a última porta do corredor e deparei com um quarto ainda menor que o meu, repleto de armários.

– Para que tanto? – perguntei, incomodada.

– Eu também não gostei quando vi, mas agora estou me acostumando – disse mamãe, analisando o quarto.

– E cabe a cama de vocês? – perguntei, impressionada. O quarto deles era menor que o meu.

– Cabe, claro! – respondeu papai animado, aproximando-se de mamãe. – É bom que a gente fica coladinho um no outro. – Ele a abraçou e, apesar da minha revolta, derreti achando fofo o gesto de carinho.

Em seguida me mostraram o banheiro deles, que era igual ao meu, e assim finalizamos a visita. Eu fiquei tão sem graça com a escolha deles pelo quarto menor que não consegui reclamar.

Tudo bem que era suíte, mas, entre ficar com um quarto micro com banheiro e um maior sem, eu preferiria ficar com o maior, se fosse eles.

Quando abrimos a porta do apartamento, naquele dia da mudança, o lugar parecia outro. Ele continuava pequeno, mas estava vivo, tinha a nossa cara. Ao entrar na sala, me lembrei de toda a explicação da mamãe e enfim consegui entender aquele planejamento que ela tinha mencionado. A cozinha aberta realmente deu uma sensação de mais espaço e agora tínhamos luz vindo das janelas da área e da sala, o que deixou tudo mais claro. Com certeza mamãe colocaria ainda um espelho ali, porque ela é ligada em *feng shui* e diz que espelhos ampliam o ambiente.

Apesar de estar encantada com a transformação do apartamento, eu continuava insegura. Atravessei a sala e fui para o meu quarto, mas acabei fisgada pelo banheiro, que também estava diferente. O móvel da pia era outro, menor que o de antes, e isso deu um respiro a mais ali dentro.

– Gostou? – perguntou mamãe, receosa.

– É... tá melhor do que antes... – Forcei um sorriso amarelo e saí dali.

Senti que ela me seguia e percebi na hora que ela estava “aprontando” mais uma. Ao entrar no meu quarto, dei de cara com um lugar mágico. Eu tinha um lugar especial para fazer meus desenhos e costuras, e tudo parecia muito acolhedor. As paredes estavam pintadas de azul-claro e o teto, de azul-marinho. Nele, mamãe colocou vários adesivos de estrelas que formavam constelações lindas, e ficou realmente incrível.

– Elas acendem também, mas não como aquelas estrelas cafonas. Elas brilham de leve, como se você estivesse, de fato, olhando para o céu.

Ao dizer isso, mamãe apagou a luz e, aos poucos, meus olhos se acostumaram com a escuridão e pude ver os pontinhos no teto. Fiquei maravilhada. Sempre fui muito apaixonada pelo universo

e seus mistérios e adoro assistir a séries que explicam um pouquinho mais sobre os planetas, as estrelas, os cometas e tudo que há lá fora. Então ter um lugar adequado para minhas criações de moda poderia deixar tudo um pouco melhor, naquela fase em que eu previa que tudo seria muito difícil.

– Bom, agora eu vou agilizar a arrumação das minhas roupas nos armários, porque o pessoal do caminhão de mudança já tocou o interfone e estão subindo. Daqui a pouco este apartamento vai estar abarrotado de caixas e móveis. Arruma as suas roupas agora também, Nanna, sua mala está no corredor. Se você tiver dúvida de onde guardar, me chama que eu te ajudo – disse mamãe, se retirando e me deixando ali sozinha no meu novo quarto.

Voltei a olhar para o ambiente e foi a vez de me entreter com o armário novo, branquinho e com três portas de correr que eram um superespelho por fora. Abri e fuxiquei por dentro, já imaginando o que entraria onde. Do lado do armário, mamãe encaixou uma minipenteadeira superbonita e, na parede da porta, uma estante do teto ao chão para comportar todos os meus livros e enfeites. De repente, o quarto não me pareceu tão pequeno como antes. Sentei no chão analisando onde colocaria as minhas coisas, mas, em vez de ficar animada, comecei a chorar. Não porque achava que as coisas não fossem caber, mas porque pensei que meu antigo quarto, minha antiga vida, já não existiam mais. Nem se eu quisesse, não tinha como voltar atrás agora. Tudo estava “desmontado”. Não importava se a vida ia melhorar dali para a frente e que talvez eu fizesse mais amigos. Naquele momento, eu estava em um limbo: sem passado, sem futuro e com um presente literalmente todo fora de lugar.

– Você está bem? – perguntou papai entrando no quarto, preocupado.

Balancei a cabeça dizendo que sim e ele se ajoelhou na minha frente, me olhando de uma maneira carinhosa. Enxuguei os olhos, sem saber o que falar. Eu estava triste e mal, mas, ao mesmo tempo, não queria aborrecê-los. Eu queria que eles ficassem bem e felizes,

sabia o quanto essa mudança era importante, mas meu coração estava doendo e ele nem sempre consegue obedecer à razão.

– Se você não se adaptar, se for horrível para você, se você achar São Paulo a pior cidade do mundo... a gente volta pra Campinas – propôs papai, e eu ri debochada, tendo certeza de que aquela possibilidade não era verdadeira. Mas ele me devolveu um olhar sério e falou olhando nos meus olhos:

– Eu prometo pela minha mãe!

– Ah, pai! Não prometa pela vovó!

– É para você saber como estou falando sério – disse ele, antes de sair do quarto.

Meus pais são incríveis, e não existe ninguém parecido com eles. Eles são parceiros, compreensivos e tentam estar sempre do meu lado, apesar dos planos malignos deles. Mesmo depois de toda cena que fiz no carro, papai não se aborreceu nem me deu bronca. Pelo contrário, foi atencioso e me confortou. Acho que meus pais estavam entendendo minha dor.



Depois de algumas horas guardando roupas em gavetas, prateleiras e cabides, livros em estantes, objetos no lugar, panelas, pratos e uma infinidades de coisas que eu nem tinha percebido que uma casa tem, me joguei na cama recém-montada, ainda sem lençol, morta de tanto arrumar coisas.

E, quando pensei que era hora de dormir, minha mãe apareceu me chamando para jantar. Segui-a sem dizer nada e sentei no balcão que dava para a cozinha americana, na parte da sala. Para minha felicidade, papai havia preparado seu tradicional macarrão à bolonhesa, e dessa vez eu cedi e sorri. Eles estavam fazendo de tudo para me agradar e eu não podia ficar reclamando sempre, só por reclamar. Nossa conversa durante o jantar foi boa, mas não incrível como costumava ser. Combinamos os afazeres da semana

e os passeios que faríamos enquanto eu ainda estivesse de férias e, ao voltar para meu quarto, senti no chão e peguei meu diário de anotações, onde escrevi o que tinha na cabeça.

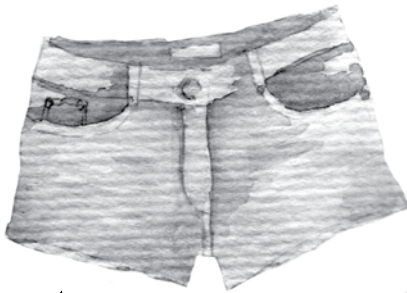
Não aguento essa tristeza
Preciso de forças pra continuar
Me dá um medo essa incerteza
Onde e quem vai me acompanhar?
De uma ajuda eu preciso
Para que eu possa viver
Colocando em mim um sorriso
Senão vou apodrecer.
Não quero mais sentir
O que tenho no coração
Quero apenas poder seguir
Sem esse medo da solidão
Meu desejo é sonhar
E que os sonhos me levem embora
De uma vida que tanto demora
Para finalmente engrenar
Não quero mais remoer
Sobre aquilo que me entristece
Quero apenas compreender
Tudo aquilo que me fortalece



camisa
amarrada



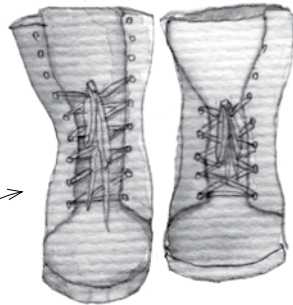
cropped



jeans rasgado



vermelho



Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

